

## **Discurso do ministro Gilberto Gil na cerimônia de celebração dos 70 Anos do Iphan e de registro do Samba Carioca como Patrimônio Cultural Brasileiro**

Rio de Janeiro, 29 de novembro de 2007

Se comemorar é exercitar vivamente a memória que reside em nós, é porque devemos fazer do rito de lembrar o passado um momento de projeção para o futuro, dizendo com nossas vozes situadas no presente o que o acontecimento de ontem significa no dia de hoje. O ritual que aqui se passa agora sob a aura da arquitetura modernista de desenho ousado que também deu traço à instituição IPHAN, é porque fazemos um gesto que nos envolve a todos e presentifica o tempo que ainda não se esgotou.

Seja em nossos corações ou em nossa lida, a memória dos 70 anos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é um sopro vital que anima o trabalho cotidiano e nossa missão. Há setenta anos estamos construindo instituições na área de cultura que possam abarcar em seu corpo a enorme diversidade que esse vasto território imaginário que chamamos de Brasil teve e tem. Nos diversos momentos de nossa história se constroi entre nós um valor simbólico que hoje é reconhecido cada vez mais como um patrimônio da Humanidade; desde a colônia até o País que somos hoje, há aqui um convívio com a diversidade que ainda ecoa toda a nossa pré-história que está surgindo sempre de nosso subsolo arqueológico e de nosso contato etnológico com os povos ameríndios.

Estamos às voltas com a comemoração dos 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, algo que para muitos historiadores é o momento decisivo que criou condições para o Brasil estabelecer-se como território dentro da modernidade ocidental. Mas temos na memória e na consciência também as contradições desse processo que ocorreu com todos os problemas e as virtudes que chegaram com a corte lusitana. Se esse instante singular que viveu o Rio, como sede dos domínios português e de todo seu império colonial, foi que deslocou uma parte significativa da civilização europeia para o ambiente tropical, foi também nessa hora que se configurou o alto impasse simbólico que ainda hoje nos inquieta a inteligência. Como há setenta anos inquietava Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Lúcio Costa, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque, Rodrigo Mello e Franco, Gilberto Freire e tantos outros que deram pela sua sabedoria os desígnios dessa instituição IPHAN.

Creio ter sido essa mesma inquietação que moveu aos trinta anos o jovem arquiteto Oscar Niemeyer a tomar em suas mãos o desafio de traçar novos horizontes para essa mesma civilização europeia. Fazendo as devidas ponderações, podemos dizer que a vinda de Le Corbusier para arquitetar o prédio do Ministério da Educação e Saúde Pública, protótipo do que aqui esta construído sob nossos pés, foi um momento de mesma dimensão simbólica que o transplante da Coroa Portuguesa, quase um século e meio antes. Mas naquela altura dos acontecimentos, Lúcio Costa, Niemeyer e outros maravilhosos arquitetos se incumbiram de dar outro destino à cultura ocidental e reinventaram o sentido de um funcionalismo clássico, traduzindo o modernismo europeu em uma linguagem brasileira que falava com os acentos e diferenças de nossa arte.

Foram esses arquitetos e intelectuais que inverteram o jogo de apagamento do barroco brasileiro, desfazendo uma vitória provisória que dera domínio ao neoclassicismo academizado pela missão francesa que servia ao Rei. Na partida que já se arrastava pelos 40 minutos do segundo tempo, nossos técnicos de plantão deixavam os mestres mineiros, como Alejadrinho, e suas sofisticadas soluções construtivas, no banco de reservas, fora do jogo. Só quando entra em campo esse time de arquitetos, é que o Brasil passa a fazer séries de goleadas que levaram nossa arte para dar lições ao ocidente cheio de engessamentos e falta de ritmo. Niemeyer com sua manelolência de sambista virou o jogo e botou as cadências bonitas de nossa música para dar as cartas e reembaralhar o jogo marcado da civilização.

Evoquei outra comemoração para redimensionar o nossa presente. Eu pergunto a nós todos aqui reunidos: onde estamos nesse momento situados em meio a esse universo simbólico que o tempo nos deu?

Penso que estamos aqui prestando nossas homenagens a uma cultura que não é passada e nunca será. Hoje realizamos a titulação das matrizes do Samba do Rio de Janeiro, do **samba de terreiro, do partido-alto e do samba-enredo** como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. E essa noção de patrimônio cultural que nos leva ao que poderíamos dizer o “tombamento do samba” é um deslocamento simbólico e institucional que durante minha gestão no MinC e agora com a de Luis Fernando no IPHAN ganhou condições novas para se exercer. Tombamos o samba para fazer justiça à uma tradição cultural que foi durante muito tempo perseguida pela polícia e enquadrada na lei da “vagabundagem”, como foi a Capoeira e outras manifestações de nossa gente que eram mal vistas pela sua inconveniência social. Assim como o frevo, que concedemos neste ano o estatuto de Patrimônio Cultural Brasileiro e o Tambor de Crioula entre outras manifestações inigualáveis do país.

Se hoje sambar, compor ou tocar samba não dá cadeia é porque nossa população fez valer aquilo que era justo como um direito de todos. O samba estabeleceu no Brasil um tipo de cidadania que é fundada na alegria, no gozo e no prazer de estar vivo, de viver plenamente o corpo e a alma de forma lírica e quente. Esse é um esforço que muitas pessoas como, João da Bahiana, Noel Rosa, Pixinguinha, Clementina de Jesus, Cartola, Nelson Cavaquinho, Dona Ivone Lara e tantos outros homens e mulheres alguns deles presentes aqui hoje, verdadeiras instituições culturais brasileiras, fizeram para deixar essa história bem documentada e contada.

O Samba é um patrimônio histórico e artístico que é transmitido de gerações em gerações e que toca o coração dos jovens para que eles preservem ou recriem em suas composições, mixagens e hibridizações os valores de uma música que traduz os quatro cantos do Brasil na mesma língua sonora e corporal. Seja no cruzamento do Funk, seja no da música instrumental e erudita, temos uma linguagem que mantém toda a cultura dos muitos brasis em constante diálogo.

Todo esse universo simbólico que é seminal reencontra hoje setenta anos depois um IPHAN que está aberto a ele, que sabe a importância de monumentos públicos contemporâneos, monumentos que não são bustos ou medalhas. Um IPHAN que sabe que o samba estará sempre no centro de nossas praças sem que precisemos de sua “imagem” ou “alegoria” fundidos e imobilizados no bronze das estátuas imóveis.

Esse tombamento simbólico é também para fazer com que o IPHAN rompa de vez com uma matriz cultural que quer edificar museus para que as coisas fiquem preservadas do público, silenciadas e mudas (Gil, lembrei aqui da “máquina de ritmo” na qual cantas o “...surdo mudo...”) e ninguém tenha acesso ao valor ali inscrito no objeto, um patrimônio que perdeu sua voz própria. Estamos aqui juntando nossa força institucional com a imensa energia simbólica desses mestres sambistas, para que realizemos esse ato de romper com o que da tradição nos restou de legado inconveniente. Pois comemorar também é olhar para o passado e aprender com os equivocados.

Digo isso pois sinto que ainda temos sob essa palavra “tombamento” uma complicada mentalidade de preservar a história de nosso povo, em sentido dúbio. Ressoa a idéia de que estamos preservando algo de alguém ou seja, contra esse alguém. Tombamento pode ser uma palavra que cria torres para guardar documentos como se fossem prisões da memória. Os documentos são fundamentais para um povo, mas eles são mais fundamentais ainda quando são vividos comumente como um valor de cada cidadão.

Estamos com o Programa Mais Cultura - o presidente Lula fez questão de o tornar eixo importante da sua agenda social - buscando reverter indicadores sociais gritantes que dão a

dimensão de como nosso Estado Brasileiro há séculos excluiu a população do convívio com os bens culturais que considerava patrimônio. O IBGE recentemente divulgou uma base de dados sobre cultura na qual se verifica que 92 % dos brasileiros não tem contato com o patrimônio que foi guardado dentro dos museus. Temos a missão de nesses próximos anos mudar radicalmente essa realidade.

Quando o IPHAN foi instituído em 30 de novembro de 1937, pelo Decreto-lei 25 que criou normas e abriu caminho para uma série de procedimentos e questões sobre a preservação cultural, instituiu também o Tombamento federal. Esse instrumento era na época uma arma fundamental para evitar que igrejas fossem destruídas pelos empreendimentos imobiliários, para que os sítios arqueológicos fossem mantidos como patrimônio público, para que nossas riquezas não fossem saqueadas e vendidas como souvenir em lojas mundo afora. Mas junto a essa idéia de preservação um tanto quanto conservadora que tem enorme importância, não há dúvida, havia também uma idéia nova e muito clara de que o significado das coisas não estava apenas no corpo dos objetos, mas em sua presença simbólica como valor social.

Essa idéia é que é viva e que está sendo posta em prática nesse momento, que olhamos para o passado e para o futuro. Estão juntos três marcos de nossa cultura, o Samba, a Arquitetura e Oscar Niemeyer que mostram como o passado é um valor vivo e que está plenamente se reinventando a cada dia. O IPHAN está colhendo desses exemplos maiores as lições que nos próximos anos devem vingar como política cultural para o Brasil. Precisamos novamente olhar para a arquitetura de nossas cidades, para os espaços de vulnerabilidade social que precisam de equipamentos públicos de cultura. Temos que olhar para nosso passado vendo nele um enorme banco de dados e de tecnologias que estão disponíveis para encontramos os caminhos de nosso desenvolvimento econômico e humano.

Todos nós estamos apostando nesse novo IPHAN que nasce de novo amanhã e que está investido de um desígnio que tem contornos muito contemporâneos. Contamos com esse enorme acervo que está em gavetas, reservas técnicas e arquivos para que nos ajudem a criar uma TV pública com uma programação de qualidade e com toda a diversidade que tem a cultura brasileira. Dos programas infantis aos documentários, nossa memória tem que estar presente como um elemento que gere esse sentimento tão nobre de pertencermos a uma tradição, de nos reconhecermos na arte e de nos vermos no imaginário complexo que durante séculos fez esse território tornar-se um País. O desafio que o nosso Governo tem estabelecido para o sistema educacional brasileiro precisa desse novo IPHAN para conseguir obter sucesso. Temos que disseminar as Casas de Patrimônio e os "Pontos de Cultura e Memória", para que cada cidade, cada escola e cada comunidade do Brasil tenha sua história, sua arte e seu patrimônio como documento vivo e preservado do esquecimento.

Meu querido Presidente da República, quero dizer que a memória de um povo é a arte e o patrimônio de uma nação. O economista Adam Smith já dizia, que há muito tempo, que a riqueza das nações está na cultura dos seus povos. Ela é também algo que o estadista tem como ferramenta para seu governo, pois a inteligência do passado nos dá luzes para as decisões e soluções a que precisamos chegar no dia de hoje. Estamos deixando essas ferramentas prontas para as novas gerações que irão ainda outra vez reconstruir esse país que está sendo feito pelas mãos de todos nós. Meu querido Luis Fernando tenho muito carinho pelos rumos que você vem imprimindo ao IPHAN e estou certo que estamos no caminho certo.

A todos que vieram prestigiar esses fragmentos importantes de memória do presente e do futuro do país.

Muito obrigado!